

Dom Arnaldo Carneiro Neto

CARTA PASTORAL
a todo Povo
de Deus da
Diocese de Jundiáí

SINODALIDADE, FORMAÇÃO
E COMUNICAÇÃO



DIÓCESE de Jundiáí

Dom Arnaldo Carneiro Neto

CARTA PASTORAL

SINODALIDADE, FORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Dom Arnaldo Carneiro Neto

CARTA PASTORAL

SINODALIDADE, FORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO



DIOCESE de Jundiaí

2024

© 2024 Dom Arnaldo Carvalho Neto

Todos os direitos reservados

Conselho Editorial:

Adriana Gonçalves de Toledo

Antônio Carlos dos Santos

Carlos José Virillo

Claudenir Módolo Alves

Enéas de Camargo Bête

Jorge Demarchi

Lupércio Batista Martins

Márcio Odair Ramos

Thiago Calçado

Coordenação editorial: Claudenir Módolo Alves

Jorge Demarchi

Diagramação: Kalima Editores

Capa: Gledson Zifssak

Revisão: Kalima Editores

Imagem de capa: "Cristo, Bom Pastor" (na Cúria Diocese de Jundiá)

Artista: Lúcio Américo de Oliveira – Foto: Rodolfo Sylvério Zanetta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

C331c	Carvalho Neto, Dom Arnaldo
	Carta Pastoral: Sinodalidade, Formação e Comunicação / Dom Arnaldo Carvalho Neto - Aparecida : Editora Santuário, 2024. 56 p. : 14cm x 21cm.
	ISBN: 978-65-5527-422-6
	1. Religião. 2. Cristianismo. 3. Diocese. 4. Pastoral. 5. Comunicação. I. Título.
2024-1199	CDD 240 CDU 24

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Júnior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Religião : Cristianismo 240
2. Religião : Cristianismo 24



Diocese de Jundiá

Edifício Cristo Rei

Endereço: Rua Engenheiro Roberto Mange, 400 – Anhangabaú

CEP: 13208-200 Jundiá – SP

Fone: (11) 4583-7474

Fax: (11) 4583-7474-Ramal 7490

Site: www.dj.org.br

“Alegrai-vos sempre no Senhor!” (Fl 4,4)

Siglas

CP = Instrução Pastoral *Communio et Progressio*.

DCIB = *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*.

GS = Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.

IM = Decreto *Inter Mirifica*.

LG = Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.

RM = Carta Encíclica *Redemptoris Missio*.

RPP = *Rumo à Presença Plena*.

Sumário

Siglas.....	7
Introdução.....	11
1. Contexto histórico da Diocese.....	13
1.1. Caminhada diocesana através dos tempos.....	13
1.2. Os Protagonistas.....	18
2. Eixos de Orientação Pastoral.....	23
3. Sinodalidade: modo de ser da Igreja.....	25
3.1. O que é a sinodalidade?.....	27
3.2. Ações Pastorais para os próximos 6 anos.....	31
4. Formação: cristãos bem formados para uma Igreja em saída.....	33
4.1. Formar-se e configurar-se ao Cristo.....	33
4.2. A formação como caminho de seguimento.....	36
4.3. A formação como recusa ao imediatismo.....	38

4.4. A formação como caminho de unidade	40
4.5. Ações Pastorais para os próximos 6 anos	40
5. A Comunicação a serviço da Comunhão.....	43
5.1. A Teologia e a Comunicação	43
5.2. A Igreja e a Comunicação.....	46
5.3. A Comunicação nos dias atuais.....	50
5.4. Ações Pastorais para os próximos 6 anos	52
Considerações Finais	53
Referências Bibliográficas.....	55



Introdução

“Servi ao Senhor com alegria!” (*Sl* 100[99],2).

Amado Povo de Deus da Diocese de Jundiaí, é com alegria que anunciamos a Boa Notícia da presença do Reino de Deus entre nós. Na alegria caminhamos juntos, imbuídos do mesmo propósito de a todos amar e servir. Na alegria seguimos os passos de Jesus como seus discípulos-missionários. A santidade, o mais belo rosto da Igreja, consiste na vivência das bem-aventuranças que nos une a Cristo e à sua Páscoa. Aí está a nossa felicidade! “Alegrai-vos sempre no Senhor!” (*Fl* 4,4)

A Carta Pastoral que apresentamos tem como finalidade iluminar nossa caminhada com algumas orientações e motivações para o exercício de nossos ministérios em nossa Diocese. À luz dos ensinamentos de nosso querido Papa Francisco, que tem nos impulsionado a buscar uma renovação de nossas práticas pastorais na direção de uma “Igreja em saída”, propomos aqui caminhos para que “iniciemos processos” em nossa missão evangelizadora. Assim, não pretendemos condicionar nossas ações evangelizadoras a determinadas instruções objetivas, mas cultivarmos processos de escuta ao Espírito Santo que age no mundo.



Trata-se de um convite para abriremos nossos corações e mentes para as moções do Espírito que nos conclamam a visitar nossas ações face os desafios do tempo presente e das necessidades que se impõem e que exigem uma resposta de cada fiel batizado. “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS, 1). Deixemo-nos conduzir pelo Cristo que age em nós através de um caminho de escuta e comunhão.

1.

Contexto histórico da Diocese

1.1. Caminhada diocesana através dos tempos

A Diocese de Jundiaí, instituída em 7 de novembro de 1966 pelo Papa São Paulo VI, representa um marco significativo no contexto religioso brasileiro, especialmente no Estado de São Paulo. Desde sua fundação, a Diocese tem se dedicado à missão da evangelização, buscando não apenas disseminar a fé católica, mas também formar seus fiéis de maneira sólida e consistente.

A Diocese de Jundiaí nasceu em um período de intensas mudanças sociais e eclesiais, com o propósito de atender às necessidades espirituais de uma população crescente. Ela evoluiu sob a liderança de bispos visionários, que entenderam a importância da proximidade com a comunidade e da adaptação às novas realidades sociais para a propagação do Evangelho.

O primeiro Bispo Diocesano, Dom Gabriel Paulino Bueno Couto, OCarm, enfrentou o desafio de organizar e estruturar uma nova diocese em um período de grande transformação social e religiosa, logo após o Concílio Vaticano II. Seu episcopado foi caracterizado por um esforço contínuo na evangelização, na



educação da fé e no desenvolvimento social. Ele foi responsável pela fundação de diversas paróquias, escolas católicas e instituições de caridade, consolidando a presença da Igreja na região. Sua vida, como uma tapeçaria de sacrifício e amor incondicional, continua a ser a chama que ilumina o caminho para fiéis e líderes religiosos, inspirando especialmente meu coração, enquanto Bispo, a seguir seus passos com humilde reverência.

O legado de Dom Gabriel na Diocese de Jundiaí e na Igreja Católica do Brasil é imenso. Ele é lembrado não apenas pela estruturação física e espiritual da Diocese, mas também por seu exemplo de santidade. Sua liderança não foi mera posição; foi uma missão sagrada, um forte compromisso com a evangelização, a transformação espiritual dos fiéis e um abraço terno aos pobres. Essas ações sagradas, imbuídas de um profundo amor e cuidado, moldaram a alma da Diocese, deixando um rastro luminoso de sua passagem, uma marca indelével que transcende o tempo e espaço: foi ele quem forjou nosso carisma!

Assim, a evangelização na Diocese de Jundiaí sempre esteve pautada em uma abordagem que valoriza o encontro pessoal com Jesus Cristo: na Palavra, na Eucaristia e Sacramentos, na Catequese e no próximo, de modo especial, nos menos favorecidos. Iniciativas como missões, retiros espirituais, cursos formativos, atendimento aos pobres e instituições de caridade foram fundamentais para fomentar uma experiência religiosa autêntica e transformadora.

Dom Roberto Pinarello de Almeida, com uma trajetória de dedicação e serviço à Igreja Católica, assumiu a Diocese de Jundiaí, em 1982, trazendo consigo uma visão renovada para a evangelização e o trabalho pastoral. Dom Roberto enfatizou uma abordagem pastoral orientada para o acolhimento e a inclusão, refletindo o amor e a misericórdia de Cristo em cada ação. Ele priorizou a evangelização, com especial atenção à



juventude e às famílias, buscando reavivar a fé católica e adaptá-la às necessidades contemporâneas da sociedade.

A missão pastoral de Dom Roberto na Diocese exemplifica o papel vital do líder eclesial na adaptação e resposta aos desafios contemporâneos da Igreja, mantendo sempre o foco no amor cristão e na promoção da paz e justiça. Além disso, fazia circular em todas as paróquias o boletim *Correspondência*, informando e comunicando os acontecimentos diocesanos. Criou a assessoria de comunicação e a Pastoral da Comunicação. Auxiliado por Dom Amaury Castanho, também criou o jornal *O VERBO*, para melhorar ainda mais a comunicação com o Povo de Deus.

E foi justamente Dom Amaury Castanho o terceiro Bispo da Diocese, em 2 de outubro de 1996, que desencadeou uma era de transformações profundas e duradouras, marcando indelivelmente sua passagem com ações que ressoam até hoje. Sua visão, imbuída de um fervoroso desejo de justiça social e uma inabalável fé na capacidade transformadora da educação, o levou a fundar o Centro Diocesano de Formação Social e Política, um bastião de luz que iluminou mentes e corações, preparando o terreno para o Núcleo de Formação que hoje leva seu honrado nome. Jornalista desde 1952, sua pena, tão aguerrida quanto sua alma, já defendia os valores éticos, sociais e espirituais que pautariam sua missão episcopal, narrativa essa perpetuada em várias obras de profundo teor bíblico, ético, social e histórico. A criação da Caritas Diocesana de Jundiá, em 22 de março de 1997, foi a materialização de seu zelo pastoral, um ato de amor que solidificou o compromisso da Diocese com os mais necessitados, tornando-se o braço social da Igreja Católica na região. Dom Amaury foi o responsável pelo projeto e construção do Edifício Cristo Rei, centro administrativo e pastoral da Diocese, onde está sediada a Cúria Diocesana, e que foi inaugurado durante o Jubileu do Ano 2000. Ele também fortaleceu a Pastoral



da Comunicação, implantou canais repetidores da Rede Vida de Televisão em várias cidades e iniciou a inserção da Diocese no ambiente digital, com a criação da página na internet.

O Papa São João Paulo II nomeou, como quarto Bispo Diocesano, a Dom Gil Antônio Moreira, em 7 de janeiro de 2004. A cerimônia de posse canônica foi realizada no dia 15 de fevereiro. Com uma visão ampla e estratégica, Dom Gil mergulhou na otimização da vida pastoral diocesana, reformulando o Colegiado Pastoral para refletir uma representatividade autêntica e vibrante. Sua liderança inovadora viu o nascimento do Setor da Juventude, um reflexo de seu compromisso com o futuro da Igreja, e a revitalização da Comissão Diocesana de Bens Culturais que, sob sua égide, organizou o histórico primeiro Seminário de Bens Culturais da Igreja do Regional Sul 1 da CNBB. Com um coração incansável pela dignidade humana, criou a Comissão Diocesana em Defesa da Vida, além da Escola de Formação de Missionários da Palavra, marcando um compromisso com a propagação da fé através da ação e do ensino. Sua visão estendeu-se até a Diocese de Marabá (PA), com o Projeto Missionário Dioceses Irmãs da CNBB. Além disso, a organização da Pastoral dos Dirigentes de Empresas e da Pastoral da Educação destacou sua perspectiva abrangente sobre o ministério, unindo fé e vida cotidiana em uma síntese inspiradora. Também consolidou a inserção da Diocese na internet e nas redes sociais e criou o Setor de Comunicação na Cúria Diocesana, com a contratação de uma equipe de prestadores de serviço nessa área. A era de Dom Gil é um testemunho vibrante de uma liderança que respira compromisso e uma fé sólida no poder transformador do Evangelho.

E chegamos em Dom Vicente Costa, que esteve à frente da Diocese de Jundiá de 2010 a 2022. Dom Vicente revitalizou a estrutura da Ação Evangelizadora em todos os níveis, reformulando estatutos e lançando Planos Diocesa-



nos de Ação Evangelizadora em 2012 e 2014. Estas iniciativas marcaram um compromisso com a renovação pastoral e com a missão da Igreja, reforçando o tecido espiritual da comunidade. O Triênio Jubilar, iniciado em 2014, preparou o terreno para o Jubileu de Ouro da Diocese. Realizou o Retiro Missionário Diocesano, um evento marcante que reuniu 2.300 Agentes de Pastoris vindos de todas as paróquias, destacando-se como um momento de união, reflexão e renovação espiritual para todos os participantes. Integrando-se ao Projeto Missionário Sul 1 – Norte 1 da CNBB, assumiu, a partir de 2015, a Diocese de Roraima como Igreja-Irmã, com o envio de missionários para colaborar com a evangelização daquela porção do Povo de Deus. Já a formação dos leigos recebeu atenção especial, com o fortalecimento das pastorais existentes e a criação do Conselho Diocesano de Leigos. Em 2019, a inauguração do Tribunal Eclesiástico representou um marco importante, fortalecendo a estrutura jurídica eclesial e refletindo seu zelo pelas almas e pela justiça dentro da Igreja. Além disso, as Visitas Pastorais Missionárias, realizadas com dedicação e zelo, inclusive em Roraima, não apenas solidificaram laços com os presbíteros em todas as Regiões Pastorais, mas também serviram como uma poderosa manifestação do desejo de Dom Vicente por uma Igreja missionária, unida e fortalecida pela comunhão. A fundação da Casa dos Presbíteros São João Maria Vianney é outro testemunho de seu cuidado pastoral, oferecendo um refúgio e um lar para os sacerdotes que necessitam de cuidados, reforçando a fraternidade e a solidariedade entre o clero. Também ampliou o Setor de Comunicação e as instalações diocesanas para atender as demandas do mundo atual, tornando a Diocese cada vez mais presente no ambiente digital. Por fim, realizou a 8ª Assembleia Diocesana de Pastoral, a qual ocorreu no Mosteiro de Itaici, em Indaiatuba (SP), reu-



nindo mais de 400 participantes, incluindo padres, diáconos permanentes e transitórios, religiosos(as), seminaristas, delegados das paróquias, além de lideranças, coordenadores e representantes de movimentos, grupos, novas comunidades e pastorais. De modo público, quero agradecer ao querido Dom Vicente por tanto zelo pelo Reino.

1.2. Os Protagonistas

Como vimos ao longo de sua história, a Diocese de Jundiá testemunhou e protagonizou eventos de grande importância eclesial e social. Ao contemplar a trajetória da evangelização na Diocese ao longo destes anos, é impossível não reconhecer a força vital e insubstituível de três protagonistas fundamentais: os leigos, os clérigos e o Espírito Santo.

Os leigos, com sua dedicação incansável e fé inabalável, têm sido as mãos e os pés de Cristo na Terra, movendo-se além das paredes da Igreja para levar a Boa Nova a todos os cantos da Diocese. Eles têm atuado como agentes ativos da evangelização, encarnando o chamado à missão universal da Igreja. Sem sua participação apaixonada e comprometida, muitos dos progressos e conquistas no campo da evangelização simplesmente não teriam sido possíveis.

Clérigos – padres e diáconos –, é com profundo apreço que reconheço o incansável serviço, a dedicação e o amor com que vocês se entregam ao ministério, contribuindo de forma indispensável para o bem do nosso povo e para a expansão do Reino de Deus. Estamos unidos, não apenas pela vocação que abraçamos, mas pelo compromisso comum de servir a Igreja e a comunidade com um coração generoso e um espírito de verdadeira fraternidade. Neste caminho sinodal, somos chamados a ser uma Igreja que escuta, que aprende e que caminha unida. A sua proximidade com as comunidades, a sensibilidade aos seus anseios e sofrimentos, bem como a coragem de li-



derar com humildade e sabedoria são testemunhos eloquentes do desejo do Espírito Santo para a nossa Igreja.

Assim, juntos, formamos um corpo unido, e esse espírito de comunhão e participação entre leigos e clero não pode ser apenas um ideal para a Igreja Católica; é uma necessidade premente para o seu futuro. Essa comunhão implica uma profunda compreensão e vivência da Igreja como o Corpo de Cristo, onde cada membro tem seu valor único e indispensável, não em termos de hierarquia de poder, mas de diversidade de dons e vocações. Para que essa visão se torne realidade, é necessário cultivar um ambiente de respeito mútuo, diálogo aberto e escuta genuína, onde todas as vozes sejam valorizadas e todas as contribuições reconhecidas como vitais para a vida da Igreja.

No coração desse espírito de comunhão e participação, encontra-se o princípio da sinodalidade, que o Papa Francisco tem enfatizado como essencial para o caminho da Igreja no terceiro milênio. A sinodalidade, entendida como o caminhar juntos de todo o Povo de Deus, exige uma mudança de mentalidade por parte do clero e dos leigos: uma passagem de uma Igreja caracterizada pela centralização e pelo clericalismo para uma Igreja que é verdadeiramente participativa, que reconhece e celebra os diferentes dons do Espírito Santo. Isso significa criar espaços e estruturas que promovam a corresponsabilidade na missão, a formação e o acompanhamento dos leigos para que possam assumir papéis de liderança e, sobretudo, fomentar uma cultura de comunhão fraterna, na qual a colaboração e o apoio mútuo sejam a norma.

Para o futuro da Igreja, esse espírito de comunhão e participação é um testemunho poderoso do Evangelho em um mundo cada vez mais fragmentado e individualista. A capacidade de viver essa comunhão, de cultivar essa participação, será um sinal de esperança e um convite ao mundo para descobrir a beleza do projeto de Deus para a humanidade: uma família unida na diversidade, chamada a partilhar o amor que temos



recebido gratuitamente. Nesse sentido, o futuro da Igreja dependerá em grande medida de sua capacidade de implementar essa visão de comunhão e participação, tornando-se assim um farol de unidade e amor em um mundo sedento por autênticas relações de fraternidade e solidariedade.

Por fim, mas não menos importante, é o papel do Espírito Santo, o Sopro Divino que anima e guia a Igreja. Ele é o grande Consolador, que inspira, convoca e capacita cada membro da comunidade diocesana, dotando-o de dons e carismas necessários para a missão evangelizadora. A ação do Espírito Santo na Diocese de Jundiáí tem sido uma fonte constante de renovação e esperança, permitindo que a Palavra de Deus ecoe com nova força e profundidade. Reconhecemos que cada passo dado, cada coração tocado e cada vida transformada são frutos do Seu poder insondável e da Sua presença viva entre nós.

A sinodalidade, esse princípio divinamente inspirado, não é mera sugestão, mas um imperativo do Espírito Santo, que clama por uma Igreja em que cada voz seja ouvida, cada coração seja acolhido e cada mão seja estendida em fraternidade. Este é o momento de reavivar a chama da comunhão, de tecer uma tapeçaria eclesial na qual cada fio é essencial, cada peculiaridade é respeitada e cada cor brilha com a luz do Evangelho.

A Diocese de Jundiáí, nesse contexto de renovação e esperança, é chamada a ser um farol de sinodalidade, um exemplo vivo de como a Igreja pode caminhar unida na diversidade. Este chamado à sinodalidade não é um caminho fácil; ele exige coragem, humildade e um compromisso inabalável com a escuta. Escutar o sussurro do Espírito Santo que fala no silêncio da oração, escutar as vozes daqueles frequentemente marginalizados ou esquecidos, e escutar uns aos outros com um coração aberto e uma mente disposta a aprender.

Portanto, ao olhar para o futuro e contemplar os próximos passos da jornada evangelizadora da Diocese de Jundiáí, é com



um sentido profundo de dependência e gratidão que elevamos nossas preces ao Espírito Santo. Em meio a definições de Eixos de Orientação Pastoral, que buscam esculpir um futuro de fé e ação alinhada com a sinodalidade, é o sopro do Espírito que buscamos para iluminar nosso caminho. Com os leigos como pilares essenciais nesta obra sagrada e o Espírito Santo a orientar cada passo, suplicamos: “Ensina-me a cumprir tua vontade, pois tu és o meu Deus; que teu bom Espírito me conduza por uma terra aplanada” (*Sl* 143[142],10). É com essa prece que avançamos, embalados pela confiança de que os frutos de nossa jornada serão abundantes, marcados pela graça e pelo amor divino, em cada gesto e palavra partilhados.

2.

Eixos de Orientação Pastoral

Para esclarecermos os passos que desejamos dar na direção de uma “Igreja em saída” estabelecemos três Eixos de Orientação Pastoral para a Diocese de Jundiá. Por “Eixo de Orientação Pastoral” tomamos o exemplo que é oriundo da própria ciência física, em que o *eixo* é essencial para que aconteça o movimento. Nesse sentido, os “Eixos de Orientação Pastoral” da Diocese de Jundiá servirão como força motriz das ações de evangelização.

Os Eixos constituem-se de três prioridades: (a) A Sinodalidade; (b) A Formação; (c) A Comunicação. É importante destacar que esses três eixos estão integrados num processo de diálogo, produção de conteúdos, desenvolvimento de interesses em comum e iniciativas pastorais a serem pensadas e promovidas colegiadamente.

3.

Sinodalidade: modo de ser da Igreja

“Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos!” (*Fl* 4,4).

Esse convite de São Paulo Apóstolo aos Filipenses ressoa no coração da Igreja em nossos dias. Em meio a tantos desafios que enfrentamos, ansiamos por viver na alegria e na paz do Senhor, na perseverança da oração, na escuta da Palavra, na fração do pão e na comunhão fraterna, a exemplo das primeiras comunidades (cf. *At* 2,42). Para tanto, necessitamos reafirmar o nosso compromisso de caminharmos ainda mais unidos no propósito de sermos uma Igreja verdadeiramente sinodal.

Não fomos nós que nos escolhemos. Foi o Senhor quem nos chamou a si e nos designou para fazermos parte da sua Igreja (cf. *Jo* 15,16). Nela somos todos irmãos e irmãs (cf. *Mt* 23,8), membros de uma única família dos que ouvem a Palavra de Deus e a colocam em prática. A nossa pertença à Igreja de Cristo não se dá pelos nossos méritos, mas pela graça divina. É pura dádiva! É puro dom!

A Igreja é, antes de tudo, comunhão! É imagem da família Trinitária, unida na perfeição do amor que transborda na cria-



ção e resplandece no rosto de cada pessoa humana, constituída à sua imagem e semelhança. Deus é *Abbá*, Pai querido, cujo anseio é ver seus filhos e filhas desfrutando da plenitude da vida, da sua paz e da sua justiça. Por isso, a comunhão é um desejo do próprio Deus. “A fim de que todos sejam um. Como Tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós” (*Jo 17,21*)

Em Cristo, somos um! É na unidade dos seus membros que a Igreja encontra sua força! Unidade que nunca deve ser confundida com uniformidade. São incontáveis os carismas presentes em nossas comunidades. Eles provêm do mesmo Espírito que anima o corpo místico de Cristo, para a edificação do Reino de Deus. Daí que todos os fiéis batizados e batizadas importam! Todos, absolutamente todos, são iguais em valor e dignidade, ainda que haja uma grande variedade de vocações e ministérios dentro da Igreja (cf. *1Cor 12*). E todos são convocados a participar dela com voz ativa.

É o Espírito Santo quem conduz a Igreja. Nela, as grandes decisões são sempre provenientes da oração silenciosa e da atenta escuta da Palavra de Deus que nos fala através das Sagradas Escrituras e de diferentes modos. Somados a isso, é preciso estar bem atentos aos sinais dos tempos, especialmente nessa mudança de época em que somos interpelados a discernir caminhos novos em meio a tantas incertezas e desafios.

“*Ecclesia semper reformanda!*” É preciso mudar muito para permaneceremos sempre os mesmos, dizia Dom Hélder Câmara. Ainda que evangelizar signifique anunciar Jesus Cristo, que “é o mesmo, ontem e hoje; ele o será para sempre” (*Hb 13,8*), nunca nos esqueçamos que é o Espírito Santo quem protagoniza a missão. O Espírito Santo faz novas todas as coisas! A novidade do Reino de Deus nunca deve ser depositada em odres velhos. O segredo da jovialidade da Igreja, não obstante seus dois milênios de existência, consiste na sua capacidade de “nascer de novo” e de apequenar-se como uma criança diante



da magnitude do mistério da graça divina que nos é ofertada por Cristo, sempre presente no meio de nós. Nesse sentido, o Papa Francisco, no Discurso para Comemoração do Cinquentenário do Sínodo dos Bispos, em 2015, recorda-nos que o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do Terceiro Milênio.

3.1. O que é a sinodalidade?

A Igreja Católica Apostólica Romana possui tradição milenar e em sua longa história instituiu, inspirada por Deus, instrumentos que ajudam a discernir a vontade do Espírito Santo na condução da Igreja: são eles os Concílios e os Sínodos. A palavra *Concílio* (originada do latim) significa: “assembleia reunida por convocação”. O primeiro Concílio da Igreja foi realizado pelos próprios Apóstolos quando precisavam decidir sobre as condições de admissão dos novos convertidos à fé cristã (cf. *At 15*). No percurso da história da Igreja podemos conhecer os Concílios provinciais, regionais, gerais e os mais importantes são os Concílios ecumênicos ou universais. O último Concílio universal da Igreja foi o Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965.

O Sínodo é outro instrumento legítimo e inspirado por Deus para o governo da Igreja. A palavra *sínodo* é de origem grega, composta pela soma de duas outras palavras “reunião” e “caminho”, significando “fazer o caminho juntos”. Na tradição da Igreja os sínodos são realizados para lidar com questões locais.¹ Na história contemporânea da Igreja, o Papa São Paulo VI reviveu esse instrumento e estabeleceu em 1965 o Sínodo

¹ O caráter do sínodo depende de sua natureza: “O Sínodo se reúne em diferentes tipos de Assembleia que pode ser: uma Assembleia Geral Ordinária, para assuntos relativos ao bem da Igreja universal; em uma Assembleia Geral Extraordinária, para assuntos de consideração urgente; em uma Assembleia Especial, para assuntos que envolvam principalmente uma ou mais regiões geográficas específicas do planeta com a Igreja nela existente” (cf. José Inácio de Medeiros, *Concílio: breve história dos Concílios e Sínodos da Igreja*, p. 13).



dos Bispos para a Igreja, por meio de *Motu Proprio Apostolica Sollicitudo*. Ele próprio realizou quatro assembleias ordinárias e uma extraordinária, com destaque para o sínodo de 1974, sobre a “A evangelização no mundo moderno”, com a publicação da exortação pós-sinodal *Evangelii nuntiandi*. O Papa São João Paulo II realizou diversos sínodos, entre eles o de 1987 sobre “A vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo”, com a exortação pós-sinodal *Christifideles laici*. O papa Bento XVI utilizou este instrumento, por exemplo no sínodo de 2008 sobre “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”, com a exortação pós-sinodal *Verbum Domini*. O Papa Francisco promoveu o sínodo sobre a própria sinodalidade da Igreja, entre 2021 e 2024.

Portanto, a sinodalidade não é uma nova invenção da Igreja. É um carisma constituinte da sua origem. “Sínodo” é uma palavra antiga da Tradição da Igreja, cujo significado recorda os conteúdos mais profundos da Revelação. Indica o caminho feito conjuntamente pelo Povo de Deus. Remete, portanto, ao Senhor Jesus, que apresenta a si mesmo como “o Caminho, a Verdade e a Vida” (*Jo* 14,6), e ao fato de que os cristãos, são originariamente chamados “os discípulos do caminho” (cf. *At* 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22).² Assim, os sínodos são assembleias eclesiais para discernir, à luz da Palavra de Deus e na escuta do Espírito Santo, as questões doutrinárias, litúrgicas, canônicas e pastorais de cada época em seus contextos das Igrejas, cujo objetivo único é o bem da Igreja.³

O Novo Testamento aponta alguns importantes momentos no caminho da Igreja apostólica em que o Povo de Deus é chamado ao exercício comunitário do discernimento da vontade do Senhor. O protagonista que guia e orienta esse caminho

2 Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. n. 3. Disponível em www.vatican.va.

3 Cf. *Ibidem*, n. 4.



é o próprio Espírito Santo, efundido sobre a Igreja no dia de Pentecostes (cf. *At* 2,1-4). É responsabilidade dos discípulos, no exercício das suas respectivas funções, colocar-se na escuta da sua voz para discernir o caminho a seguir.⁴

A eclesiologia do Povo de Deus, destacada no Concílio Vaticano II, sublinha, de fato, a comum dignidade e missão de todos os batizados no exercício da multiforme e ordenada riqueza dos seus carismas, das suas vocações, dos seus ministérios. O conceito de comunhão exprime, nesse contexto, a substância profunda do mistério e da missão da Igreja. A sinodalidade da Igreja deriva de sua catolicidade, pois, por força dela, “cada parte contribui com os seus dons particulares para as demais e para toda a Igreja, de modo que o todo e cada parte crescem por comunicação mútua e pelo esforço comum em ordem a alcançar a plenitude da unidade” (*LG*, 13). Assim, um caminho sinodal é um caminho que promove a comunhão como fundamento das ações da vida eclesial, superando toda forma de divisão oriunda de um modo de exercício do poder distorcido. Na perspectiva do Reino de Deus, a sinodalidade nos recorda as palavras de Jesus a Tiago e João, por ocasião da discussão sobre quem seria o maior: “entre vós não será assim” (*Mc* 10,43). A lógica sinodal supera o autoritarismo e o clericalismo e recoloca a autoridade como uma força criativa, na perspectiva do serviço.

Lembremo-nos que o mesmo Espírito Santo que foi concedido aos apóstolos no Pentecostes do cenáculo foi também derramado aos pagãos recém-convertidos da casa de Cornélio, no “Pentecostes dos gentios”.

Pedro estava ainda falando estas coisas, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a Palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, ficaram estupefatos ao ver que também sobre os gentios se

⁴ Cf. *Ibidem*, n. 19.



derramara o dom do Espírito Santo, pois ouviam-nos falar em línguas e engrandecer a Deus (*At 10,44-46*).

Isso não significa que a Igreja seja uma anarquia. Tampouco se quer subestimar o ministério de governo confiado aos seus legítimos pastores. Antes significa estarmos atentos ao chamado que a própria Igreja nos faz para uma conversão pastoral que implica uma atitude de abertura para o diálogo e de escuta atenta aos legítimos anseios do Povo de Deus.

Como nos recorda o documento preparatório do Sínodo, a sinodalidade exprime o ser sujeito de toda Igreja e de todos na Igreja. Os fiéis são companheiros de caminho, chamados a ser sujeitos ativos enquanto partícipes do único sacerdócio de Cristo e destinatários dos diversos carismas comunicados pelo Espírito Santo em vista do bem comum.⁵ Assim, todos os fiéis são chamados a testemunhar e anunciar a Palavra de verdade e de vida, enquanto são membros do Povo de Deus profético, sacerdotal e régio em virtude do Batismo.

Esse caminho sinodal que pretendemos promover em nossa Diocese conta com a colaboração de todos os fiéis batizados. Trata-se de um movimento contínuo de favorecimento de instâncias de diálogo e canais de participação a serem desenvolvidos a partir das dinâmicas das Assembleias, seja no nível paroquial, regional e diocesano. Além disso, o estudo e a compreensão da teologia da sinodalidade devem ser aprofundados de modo que o espírito do Concílio Vaticano II seja difundido em nossas comunidades eclesiais cada vez mais, realizando e fortalecendo a comunhão, na perspectiva do Reino de Deus. Clero e leigo, cada um com sua vocação específica, serão chamados a colaborar com a obra da evangelização trazendo contribuições a partir de sua visão particular de mundo, somando à vida da Igreja seus anseios e questionamentos. Os vínculos de história, linguagem e cultura delineiam o rosto peculiar de

⁵ Cf. *Ibidem*, n. 55.



nossa Diocese. Estar atentos a eles favorece o exercício de um estilo sinodal e constitui a base para uma eficaz conversão missionária. “Na Igreja particular o testemunho cristão se encarna em específicas situações humanas e sociais, permitindo uma incisiva ativação das estruturas sinodais a serviço da missão”.⁶

Para tanto, somos todos chamados a uma verdadeira conversão sinodal! Todos podemos contribuir um pouco mais na dinâmica da comunhão. Todos podemos exercitar um pouco mais a escuta, a capacidade de compreender o outro e permitir que a sua vida seja de fato importante na obra da evangelização. Esse caminho deve reorientar nossa organização paroquial e diocesana rumo a uma lógica em que a hierarquia não serve a si mesma, mas sim ao pleno exercício da comunhão. Desse modo, o exercício da sinodalidade deve alcançar toda nossa Diocese, das instâncias administrativas às pastorais, do clero aos leigos, incluindo os diversos conselhos em suas respectivas particularidades. Desejamos, deste modo, convidar toda Diocese a um renovado anseio por uma prática sinodal verdadeiramente efetiva, que se traduza em processos objetivos de participação, escuta, renovação e comunhão. Na esperança de que o Espírito Santo nos conduza, cremos favorecer a sua ação com a docilidade de nossos corações e na humildade de nos deixarmos moldar por sua graça.

3.2. Ações Pastorais para os próximos 6 anos

I. Constituir uma equipe que irá estudar e desenvolver o Eixo da Sinodalidade e articulá-la nas diversas instâncias diocesanas.

II. Criação de Foranias, bem como nomeação de Vigários Forâneos, para o auxílio e acompanhamento da sinodalidade nas diversas realidades e Regiões Pastorais.

III. Promover a sinodalidade da Igreja em todas as instâncias pastorais da Diocese, em comunhão com os devidos

⁶ *Ibidem*, n. 77.



conselhos, incluindo os ministros ordenados e os fiéis leigos e leigas.

IV. Desenvolver uma metodologia sinodal-pastoral própria à realidade da Diocese de Jundiá.

V. Fortalecer o papel das assembleias nas diversas instâncias diocesanas com a devida participação de ministros ordenados e fiéis leigos e leigas.

4.

Formação: cristãos bem formados para uma Igreja em saída

4.1. Formar-se e configurar-se ao Cristo

A Igreja é Povo de Deus a caminho.

Aprouve, no entanto, a Deus santificar e salvar os homens, não individualmente, excluindo toda relação entre os mesmos, mas formando com eles um povo, que o conhecesse na verdade e o servisse em santidade (*LG*, 9).

O Caminho é Cristo Jesus. “Assim também o novo Israel do tempo atual, que anda em busca da cidade futura e permanente, se chama Igreja de Cristo” (*LG*, 9). A essência da vida cristã consiste em viver a vida por Cristo, com Cristo e em Cristo. Para tanto, faz-se necessário compreender a mensagem central do Evangelho, que é o mandamento do Amor. “Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (*Jô* 13,35). O discipulado requer uma longa jornada de conversão da hostilidade para a hospitalidade. A Igreja é a escola do Amor!



O amor não deve orientar somente os nossos relacionamentos no âmbito interpessoal, familiar ou comunitário. Antes, deve permear todas as instâncias da vida humana, incluindo suas macrodimensões como a política, a economia e a sociedade. A missão profética de ser “*sal da terra e luz do mundo*” (cf. *Mt 5,13-16*), a exemplo de tantos santos e santas de ontem e de hoje, exige de nós uma longa caminhada na escola do Evangelho.

Tudo começa com a acolhida do anúncio entusiasmado da Boa Nova do Reino. O anúncio faz brotar um desejo de mudança, de conversão. Não há quem tenha feito uma experiência pessoal de encontro com Jesus, sem que tenha sua vida transformada e inicie um processo na vida cristã. Mas há que se lembrar que esse processo não ocorre de maneira instantânea. A ação do Espírito Santo em nós se dá quase sempre de maneira suave e contínua. Diz a velha sabedoria chinesa que “não é esticando que uma planta cresce”. A Igreja não é uma comunidade de perfeitos, mas de pecadores que anseiam pela santidade, contando com a ação da graça de Deus mais do que com o próprio esforço. Daí que todos os membros da família cristã se reconhecem num estado permanente de formação no ideal de configurar-se a Cristo e ao seu Evangelho.

Desde os seus primórdios, a Igreja compreendeu a necessidade de se propor um itinerário formativo de iniciação à vida cristã que, além de contemplar as etapas da evangelização e da catequese, proponha outros momentos que corroboram para o pleno amadurecimento do discípulo-missionário. A formação cristã deve ser integral, abrangendo todas as dimensões humanas: intelectual, afetiva, sexual, cultural, familiar, social, ética, moral, política, econômica, ecológica, religiosa e espiritual. Pois “não se encontra nada verdadeiramente humano que não ressoe no coração da Igreja” (*GS, 1*). O conhecimento das Sagradas Escrituras, da Tradição e dos Ensinamentos do Ma-



gistério da Igreja, no entanto, deve sempre constituir a base de toda formação genuinamente cristã.

Para São João Bosco, a educação católica deveria ter como escopo a formação de “bons cristãos e honestos cidadãos”, ou seja, formar homens e mulheres maduros para atuar no coração da Igreja e da sociedade. Dizia ainda que a “educação é coisa do coração”. A etimologia da palavra “educar” (do latim *educare*) significa literalmente “conduzir para fora” (*ex* = fora + *ducere* = conduzir, levar), ou seja, preparar o indivíduo para o mundo. Nesse sentido, Jesus Cristo é o modelo do perfeito educador: sua pedagogia é relacional, ou seja, se dá pela proximidade e desperta o discernimento em seus interlocutores. Ele nunca perdeu uma oportunidade de ensinar, respeitando o tempo, a experiência, a mentalidade e a visão de mundo que as pessoas tinham. Agia sempre com paciência e demonstrava interesse por aquilo que o outro trazia para o diálogo, pois sabia escutar e apontar caminhos. Desse modo, Ele transformou a mente e o coração dos seus primeiros discípulos, homens e mulheres muito simples, tornando-os arautos do seu Evangelho, da Galileia aos confins do mundo. O modo amoroso de Jesus ensinar transformou e ainda hoje pode modificar a vida de muitas pessoas. E até o mundo todo: “Eis que Eu faço novas todas as coisas” (*Ap* 21,5).

Amado Povo de Deus, após refletirmos sobre a importância de avançarmos na direção de uma Igreja em saída em nossa Diocese, cabe-nos apresentar uma proposta para o Eixo de Formação. Percebemos que uma das primeiras preocupações que tocam nossa vida eclesial é a necessidade de construirmos prédios e espaços para uso de nossas comunidades. Quanto esforço, quanta energia e recursos empreendemos nesse trabalho! É claro que investimentos em estruturas físicas são necessários. Não deixaremos de fazê-los. Todavia, penso que o melhor investimento a ser feito é sempre aquele empenhado



na formação da pessoa humana. Como padres, leigos e leigas bem formados podem contribuir para a evangelização do povo de Deus!

Aquilo que se investe na formação humana fica para sempre. É como um alicerce de uma obra. Se é profundo e bem-feito, garante a segurança da edificação. Os fundamentos não podem ser frágeis. Vivemos uma época em que não temos o direito de ser superficiais. Cada vez mais, as exigências de uma boa preparação para o anúncio do Evangelho são necessárias para que a Palavra transborde nossas estruturas e alcance os corações daqueles que anseiam pela verdade, dentro e fora da Igreja.

Inicialmente, como é o intuito desta Carta Pastoral, desejamos propor uma reflexão sobre o sentido da formação para nossa Igreja particular, sempre tendo como referência a pessoa de Jesus Cristo, Mestre da Verdade. Assim, trazemos à luz algumas ideias fundamentais para a construção desse percurso: (a) O caminho de formação não como uma mera apreensão intelectual, deslocada da vida, mas inserida num discipulado contínuo à luz da verdade que brota dos Evangelhos e do seguimento de Jesus de Nazaré. (b) O caminho de formação como processo de recusa às tentações de imediatismo e superficialidade, típicas da civilização tecnológica atual. (c) O caminho de formação como um percurso de unidade, na direção de um Pentecostes contínuo, no qual clero e fiéis leigos e leigas se irmanem num processo lento, mas perseverante de autoindagação e renovação interior, à luz das interpelações constantes do contexto em que nos inserimos.

4.2. A formação como caminho de seguimento

A formação humana e cristã é um caminho. Não se trata de uma apreensão reduzida a um conteúdo intelectual ou a aquisição de um conhecimento verdadeiro, aos moldes daquilo que



alguns movimentos filosóficos pretenderam nos primeiros séculos (exemplo: Gnosticismo). Para nós, a Verdade é uma Pessoa. Crescemos na direção da Verdade quando conhecemos e aprendemos a reconhecer na Pessoa de Jesus de Nazaré, o Cristo, o enviado do Pai. Por isso, toda proposta de formação passa, antes de qualquer definição teórica ou programática, por um encontro pessoal com o Senhor Jesus.

Em tempos de “pregadores virtuais”, muitos fiéis acabam por aderir a discursos facilmente adaptáveis aos próprios anseios. Não raramente, esse tipo de formação, deslocada da vida comunitária, acaba por gerar desvios perigosos que promovem divisão e suspeita no coração de muitos cristãos. Formar-se, no sentido que os Evangelhos nos propõem, é seguir de perto Jesus de Nazaré em seu projeto de construção do Reino de Deus. Formamo-nos quando aprendemos a ser discípulos.

Nesse sentido, a formação que desejamos para nossa Diocese de Jundiá passa por um caminho de edificação da nossa humanidade à luz da Pessoa de Jesus. Isso implica o desenvolvimento contínuo de um olhar sensível às necessidades que se impõem para nós. Trata-se de expandirmos nossos horizontes para darmos razões de nossa esperança a quem pedir (cf. *1Pd* 3,15). Há tantos desafios em nossa Diocese que esperam por respostas de nós cristãos! Assim, a formação deve estar atenta a conciliar aquilo que as Escrituras e a Tradição da Igreja nos ensinam com as questões impostas pela realidade. Lembremo-nos das palavras de Jesus: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (*Jo* 14,6). Na fé cristã, a Verdade está sempre no meio, entre o Caminho e a Vida. Não esperamos que padres e leigos sejam formados para reduzir sua compreensão de mundo a meras teorias ou ideologias, sobretudo quando estas se mostram obsoletas. Desejo que a luz emanada da vida do povo, bem como seu cansaço e sofrimentos sejam interpelados pela nossa fé e possam ofe-



recer, à luz de uma boa integração entre estudo e prática, caminhos para seguirmos o Messias mais de perto.

O seguimento do Messias exige que nós aprendamos dele como repartir. “Dar de comer” (cf. *Mt* 14,16) aos famintos também significa oferecer uma formação sólida que se apresente como um alimento robusto para as demandas de nosso tempo. O coração humano não descansa enquanto não encontra a Verdade. Em tempos tão líquidos como os nossos, apresentar percursos para uma maior profundidade em nossos conteúdos e práticas é de fundamental importância. Isso implica uma discussão sobre fontes e métodos que utilizamos para nos formarmos. Assim, creio que uma boa discussão a ser feita no percurso formativo que vamos trilhar é quanto aos nossos métodos, talvez na mesma proporcionalidade que aos nossos conteúdos. É nesse sentido que propomos a formação como um eixo pastoral de nossa Diocese. Trata-se, a partir dessa iniciativa, de construirmos juntos um percurso de crescimento no conhecimento do Senhor, que integre formação humana e teológica, clero, religiosos(as), seminaristas, leigos e leigas, à luz de um processo sinodal e integrado aos desafios impostos pelo tempo presente à nossa Igreja Particular de Jundiaí.

4.3. A formação como recusa ao imediatismo

Vivemos em um mundo marcado pela velocidade da informação. Nunca tivemos tão rapidamente acesso aos conteúdos sobre a nossa fé com tanta agilidade e praticidade como nos dias de hoje. Tudo está disponível. Os diversos meios de comunicação favoreceram a expansão rápida da oferta religiosa nos diversos canais de acesso à informação: o meio impresso, o rádio, a televisão, os filmes, e hoje, sobretudo, a internet. Essa multiplicidade que as diversas mídias permitem pode nos apresentar um oceano de propostas formativas, seja na forma de materiais a serem investigados, seja



na forma de cursos, oferecidos numa variedade cada vez mais crescente. É certo que as inovações tecnológicas trouxeram inúmeros benefícios também à formação do Povo de Deus. Todavia, o processo formativo da pessoa humana não pode se reduzir a essa busca incessante por novidades.

A arte de formar-se implica crescermos nas relações humanas e no encontro. Jesus chamou os discípulos para “ficarem com ele” (cf. Mc 3,13-14). A formação é um caminho de convivência com o Senhor! O mundo midiático jamais será capaz de substituir o encontro. O afeto educa porque promove a descoberta do outro como lugar teológico e revelador. O Mestre sabia que o afeto e a troca incessantes de dons que a humanidade possui têm uma capacidade imensurável de constituir pessoas à luz da fé. Todavia, isso leva tempo. O caminho é repleto de altos e baixos, incertezas típicas da fragilidade humana. O processo desenvolvido e o percurso caminhado junto são, por vezes, mais importantes do que o resultado esperado. Não nos cansemos de iniciar processos.

Nesse caminho de formação não podemos ceder às tentações de propostas imediatistas, típicas de nosso tempo. Não raras vezes, a religião é inserida na mesma lógica do consumo. Do mesmo modo como se escolhe um produto em um supermercado conforme o gosto pessoal, procura-se nas prateleiras do “mercado religioso” a satisfação dos interesses individuais desvinculados da vida em comunidade. A formação, nesse sentido, desconecta-se do projeto do Reino de Deus e se alia à lógica do entretenimento, como um produto a mais a ser adquirido.

Uma formação que pretenda nos fazer avançar rumo a uma Igreja em saída não pode se reduzir às vozes dissonantes presentes em muitos dos gurus do mundo midiático. Em muitas ocasiões, essas vozes possuem interesses próprios, principalmente financeiros, e que destoam da proposta do Reino, gerando divisões e ferindo a comunhão. Se o imediato fascina pelo brilho das telas, a convivência edifica pela força do encontro.



4.4. A formação como caminho de unidade

O processo formativo é um caminho de crescimento na unidade, fundamental na construção do Reino. A voz do Mestre Jesus ecoa pelos pastores da Igreja e pela força da Tradição. Essa fidelidade no caminho de uma Igreja em saída exige de nós o aprofundamento na doutrina a partir de uma leitura viva e atual. A nossa fé não é uma lei escrita em letra morta, mas em experiências vivas do Povo de Deus, peregrino na história.

A formação nos possibilita superar as polarizações e a expandir a nossa compreensão da fé e do mundo para além dos guetos ideológicos. Nesse sentido, lembremo-nos dos discípulos de Jesus, tão diferentes e unidos ao mesmo tempo. A formação nos conduz a um caminho de diálogo e reconciliação que começa com a escuta. É através dela que não somos reduzidos ao fechamento em pequenos grupos e instrumentalizados pelas narrativas sectárias.

Assim, nas diversas instâncias de nossa Diocese devemos estar unidos ouvindo a mesma voz, falando a mesma língua. Os caminhos que a formação deve percorrer devem fortalecer nossos laços de comunhão e jamais ceder a vozes e discursos que promovem divisões ou à promoção individual de alguém. Por isso, o diálogo entre o Eixo de Formação e as instâncias de coordenação pastoral deve ser profícuo e constante.

4.5. Ações Pastorais para os próximos 6 anos

I. Articular o Eixo Pastoral de Formação nos Seminários de nossa Diocese em suas diferentes etapas: Propedêutico, Discipulado (Filosofia), Configuração (Teologia) e Síntese, à luz das exigências da *Ratio Fundamentalis* e sua integração ao planejamento pastoral diocesano.

II. Promover no Centro Diocesano de Formação o aprofundamento das reflexões bíblicas, teológicas e pastorais na di-



reção de uma Igreja em saída, com especial atenção aos temas da sinodalidade e da comunicação.

III. Alinhar processos de formação permanente junto às Foranias e Regiões Pastorais com as devidas capilaridades paroquiais.

IV. Retomar a Escola Diaconal e discutir processos e metodologias de formação permanente para diáconos.

V. Favorecer cada vez mais o protagonismo dos leigos e leigas a partir de uma formação integrada e participativa.

5.

A Comunicação a serviço da Comunhão

5.1. A Teologia e a Comunicação

Deus é comunicação! O Evangelho de São João inicia afirmando:

No princípio era o Verbo [Palavra¹] e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilhava nas trevas, mas as trevas não a apreenderam (*Jo* 1,1-5).

1 Santo Agostinho (Sec. V, d.C.) em uma de suas obras de maior envergadura teológica, *De Trinitate*, recebe da tradição patristica e aprofunda a teologia do Verbo encarnado. “Conclui-se daí que quem julga é o Pai, cuja palavra é o Filho, porque o Verbo do Pai é o próprio Filho. Não existe diferença entre a ordem do Pai e o Verbo do Pai. Verbo (palavra) e a ordem (mandato) têm o mesmo sentido”. Santo Agostinho, *A Trindade*, p. 57. Jesus é o Verbo que comunica a Palavra do Pai, porque o Pai e o Filho são Um. “Ora, o Verbo do Pai é o próprio Filho de Deus” (*idem*, p. 58). Assim, a comunicação revelada por Jesus é a Palavra do Pai, e é nela que se está a Verdade. “Pois a doutrina do Pai é o Verbo do Pai, o qual é o mesmo Filho Unigênito” (*idem*, p. 59).



João, Apóstolo de Jesus, ensina que o Verbo e Deus são Um. Tudo existe mediado pelo Verbo: inicialmente aquilo que nos constitui, ou seja, a VIDA. Contudo, não só o existir, mas existir na luz. Existir com sentido. Como podemos saber disso? Porque aquele que estava com Deus é a própria comunicação com os homens.

O Verbo é Jesus de Nazaré! É ele que, por sua existência na carne humana, estabelece a relação entre Deus e o homem. A isso chamamos de comunicação.

Foi Ele que desde o começo da história da salvação entrou em diálogo com os homens; chegada a plenitude dos tempos, Ele mesmo se nos comunicou diretamente, e 'o Verbo se fez Carne' (cf. *Jô* 1,14). Cristo, o Filho Encarnado, Palavra e Imagem de Deus invisível, pela sua morte e ressurreição, libertou o gênero humano, comunicando abundantemente a todos a verdade e a própria vida de Deus. [...] A partir de então, é em Deus feito Homem, nosso Irmão, que se encontra o fundamento e protótipo da comunicação entre os homens (*CP*, 10).

A Trindade é o fundamento da comunicação! A abertura para entrar nessa relação com Deus é a fé. Portanto, o ato da fé nos põe em saída de nossa existência em direção ao Verbo, Filho de Deus. Esse ato é também um acontecimento comunicacional. A comunicação que desejamos trabalhar é a comunicação da luz do Verbo, que ilumina a existência humana, produz o sentido para a vida e, portanto, o parâmetro para nossas ações. O Verbo, ao se revelar, já é em si a comunicação.

A união e solidariedade entre os homens, fim principal de toda a comunicação, encontra, segundo a fé cristã, seu fundamento e figura no mistério primordial da interco-



municação eterna entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que vivem uma única vida divina (CP, 8).

Um dos efeitos deste ato comunicacional é mostrar a nós, “o Caminho, a Verdade² e a Vida” (Jo 14,6). É neste ato de comunicação que devemos permanecer.

A Sagrada Escritura nos recorda que a atitude do silêncio é necessária para ouvir a Deus. “Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh” (Dt 6,4). A força espiritual advinda do ato de ouvir está presente na vida de Jesus quando em oração é batizado por João Batista e recebe o Espírito Santo (cf. Lc 3,21). O Espírito Santo é o Espírito de comunicação da Trindade, que é dado à Igreja para que fiquemos repletos, para que permaneçamos reunidos, para que fiquemos em comunhão a exemplo dos Apóstolos. “Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar” (At 2,1). Esse é o fruto do Espírito Santo: permanecermos unidos no Senhor.

Comunicação que nasce do encontro! Recordemos do Apóstolo Paulo. Conforme narrada na Sagrada Escritura,³ a sua conversão ocorre como um encontro inesperado entre o Senhor e Saulo, e dessa relação estabelecida (comunicação) surge algo novo: Paulo, o Apóstolo. Segundo a tradição cristã, Paulo é um

2 A questão da Verdade é essencial para o cristianismo. Os Pais fundadores do cristianismo que compõem a tradição patrística – os padres apostólicos, os padres apologistas, o período áureo e a recepção do pensamento dos padres (séculos I-IX d.C.) – dedicaram-se a buscar e a estabelecer a Verdade em diálogo com a cultura grega, latina e judaica. Basílio de Cesareria (IV d.C.), em seu *Tratado sobre o Espírito Santo*, reconhece em Anfilóquio (destinatário da carta) o desejo da verdade. “Considero muito louvável teu empenho em aprender e tua aplicação ao trabalho...” (p. 88). “Mais admirável, porém, é o fato de não formulares perguntas, como acontece atualmente na maioria dos casos, para armar ciladas, e sim com o propósito de investigar a verdade” (*idem*). Seguindo a tradição patrística, podemos inspirar a promoção da comunicação como um processo de busca pela Verdade.

3 “Durante a viagem, quando já estava perto de Damasco, de repente viu-se cercado por uma luz que vinha do céu. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: ‘Saul, Saul, por que me persegues?’ Saulo perguntou: ‘Quem és tu, Senhor?’ A voz respondeu: ‘Eu sou Jesus, a quem tu estás perseguindo’” (At 9,3-5).



modelo de comunicador. Ele utiliza a pregação e a escrita (meio de comunicação moderno para sua época, assim como o estilo literário epistolar) e é autor de 13 epístolas do Novo Testamento. Paulo viveu intensamente o mandato de Jesus de anunciar o Evangelho por toda parte (cf. *Mt* 28,19) e inovou na forma de comunicá-lo, fazendo grandes viagens apostólicas para além da geografia inicial do cristianismo. Ele insere, assim, o Evangelho nas culturas helenizadas, nas cidades de influência oriental e na sua própria cultura judaica.

Cristo é o conteúdo da comunicação da Igreja! O Apóstolo Paulo faz tudo por uma única causa: Faço tudo isso por causa do Evangelho (cf. *1Cor* 9,23). O testemunho de Paulo é de ousadia e criatividade na pregação do Evangelho. Paulo, contudo, deixa-nos parametrizado que não são o pregador ou os meios de comunicação que devem ter centralidade e evidência: Cristo, o Ressuscitado, é que deve resplandecer centralmente.

A missão da Igreja é evangelizar! O Santo Padre, Papa Francisco, em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, afirma: “Aqui escolhi propor algumas diretrizes que possam encorajar e orientar, em toda a Igreja, uma nova etapa evangelizadora, cheia de ardor e dinamismo” (n. 17). Orienta para que se tenha uma “Igreja em saída missionária”. A prática apostólica de Paulo é fecunda e exemplar para atendermos ao mandato do Papa Francisco, pois foi o Apóstolo de uma Igreja em saída missionária, soube escutar, estabelecer o diálogo entre os povos e promover a sinodalidade.

5.2. A Igreja e a Comunicação

“Ide e anunciai a Boa Nova!” (cf. *Mc* 16,15). A Igreja, nas condições históricas deste mundo, por fundação e natureza, recebe, guarda e deve comunicar o conteúdo basilar da fé. A Igreja possui o mandato de comunicar o Evangelho, desenvolvendo novas práticas e linguagens que alcancem o homem em seu tempo; como também pode, à luz do discernimento evangélico,



adotar técnicas de comunicação implementadas no cotidiano das pessoas para anunciar o Cristo.⁴

Um marco na história da Igreja foi o Concílio Vaticano II (1962-1965), onde se estabeleceram a abertura, o diálogo e a crítica às questões contemporâneas. O Decreto *Inter Mirifica* (1963), superando uma visão moral e condenatória anterior ao Concílio, apresenta uma visão propositiva e esperançosa em relação aos meios de comunicação social, indicando a importância do uso desses meios para “pregar aos homens a mensagem de salvação” (cf. *IM*, 2-3).

O Papa São Paulo VI instituiu o *1º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, em 1967, a ser celebrado, anualmente, na Festa da Ascensão do Senhor. Assim, a atualização temática da comunicação faz-se a cada ano, através das mensagens pontificias para esse dia, dada a natureza mutante dos meios de comunicação social.

Já na Instrução Pastoral *Communio et Progressio*, 1971, o então Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais reconheceu a positividade dos meios de comunicação e incentivou a Igreja a valorizar a Pastoral da Comunicação em todas as Igrejas Particulares.

Cultura da comunicação! A Igreja em sintonia com o tempo presente e a partir do Evangelho compreendeu que a sociedade contemporânea é fortemente perpassada pela realidade dos meios de comunicação. Fato este que o Papa São João Paulo II, em 1990, denominou de “cultura da comunicação”.

O primeiro areópago dos tempos modernos é o *mundo das comunicações*, que está a unificar a humanidade, transformando-a – como se costuma dizer – na “aldeia global”. Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal

⁴ “A Igreja Católica, fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação de todos os homens, e por Ele mesmo obrigada à evangelização de toda a criatura, considera parte da sua missão servir-se dos instrumentos de comunicação social para pregar aos homens a mensagem de salvação e ensinar-lhes o uso reto destes meios” (*IM*, 3)



instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais. Principalmente as novas gerações crescem num mundo condicionado pelos mass-média (*RM*, 37c).

A espantosa velocidade com que as novas tecnologias se desenvolvem levou o Papa São João Paulo II a exortar a todos os fiéis para a realidade de que os poderosos instrumentos da comunicação criam e amplificam uma ‘nova cultura’, na qual a Igreja está chamada também a integrar a mensagem salvífica (cf. *RD*, 2).

Os ambientes digitais são “espaços” de evangelização! O Papa Bento XVI, por sua vez, atualizou a questão da comunicação, tratando da cultura digital:

As novas tecnologias permitem que as pessoas se encontrem para além dos confins do espaço e das próprias culturas, inaugurando deste modo todo um novo mundo de potenciais amizades. Esta é uma grande oportunidade, mas exige também uma maior atenção e uma tomada de consciência quanto aos possíveis riscos (*Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais*).

Sucessivamente, a Igreja consolidou a imagem das redes sociais como “espaços”, não simplesmente “instrumentos”, e pediu que o Evangelho seja proclamado também nos ambientes digitais.

Comunicação que conduz à comunhão! O Papa Francisco aprofundou a temática da comunicação colocando como centrais as relações interpessoais, a centralidade do humano, o diálogo e a escuta.⁵

Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos. Os muros

⁵ “Como já tive oportunidade de salientar, «também na Igreja há grande necessidade de escutar e de nos escutarmos. É o dom mais precioso e profícuo que podemos oferecer uns aos outros». Duma escuta sem preconceitos, atenta e disponível, nasce um falar segundo o estilo de Deus, que se sustenta de proximidade, compaixão e ternura” (*Mensagem para o 57º Dia Mundial das Comunicações Sociais*).



que nos dividem só podem ser superados, se estivermos prontos a ouvir e a aprender uns dos outros. Precisamos de harmonizar as diferenças por meio de formas de diálogo, que nos permitam crescer na compreensão e no respeito. A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros (*Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais*).

Ao reforçar a necessidade de cultivar e valorizar a “cultura do encontro”, o Papa Francisco mostra que esse é o caminho a ser percorrido para se promoverem a amizade e a paz entre pessoas diferentes, num mundo tão polarizado (cf. *RPP*, 19).

A comunicação começa com a conexão e passa para os relacionamentos, a comunidade e a comunhão. Não existe comunicação sem a verdade de um encontro. Comunicar-se consiste em estabelecer relacionamentos; em ‘estar com’. Ser comunidade significa partilhar com os outros as verdades fundamentais a respeito do que se possui e do que se é. Muito além da mera proximidade geográfico-territorial ou étnico-cultural, o que constitui uma comunidade é a partilha comum da verdade, com um sentimento de pertença, reciprocidade e solidariedade, nos diferentes âmbitos da vida social (*RPP*, 45).

O Papa Francisco nos convida, a iniciarmos um profundo processo de assumirmos um lugar crítico diante das novas realidades produzidas pela linguagem dos algoritmos.

A rápida difusão de maravilhosas invenções, cujo funcionamento e potencialidades são indecifráveis para a maior parte de nós, suscita um espanto que oscila entre entusiasmo e desorientação e põe-nos inevitavelmente diante de questões fundamentais: O que é então o homem, qual é a sua especificidade e qual será o futuro desta nossa espé-



cie chamada homo sapiens na era das inteligências artificiais? Como podemos permanecer plenamente humanos e orientar para o bem a mudança cultural em curso? (*Mensagem para o 58º Dia Mundial das Comunicações Sociais*).

Lugar de testemunho e anúncio! No Brasil, a CNBB, atenta a essa nova realidade comunicacional, produziu o *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*, atualizado em 2023.

A Igreja é chamada a se inculturar digitalmente, e sua presença nos ambientes digitais é incentivada por ser um lugar de testemunho e anúncio do Evangelho. Isso exige que os cristãos e as cristãs presentes na rede consigam ir além dos instrumentos e tomem consciência das mudanças fundamentais que as pessoas, a cultura e a sociedade experimentam nesse contexto, para aí também serem sal e luz do mundo (*DCIB*, 230).

5.3. A Comunicação nos dias atuais

A Igreja afirma com clareza do Espírito Santo que: “O primeiro areópago dos tempos modernos é o *mundo das comunicações*, que está a unificar a humanidade, transformando-a – como se costuma dizer – na ‘aldeia global’” (*RM*, 37c).

Não há como deixarmos de reconhecer que o surgimento dos meios de comunicação alterou profundamente o nosso modo de vida na sociedade contemporânea. A imprensa (séc. XV), a fotografia (séc. XIX), o cinema (séc. XIX), o rádio (séc. XIX), a televisão (séc. XX) e a internet (séc. XX). Esses são meios modernos de comunicação.

Pensar a comunicação à luz do Evangelho! Em um mundo onde nossas ações, diálogos e trabalho são mediados por tecnologias e meios de comunicação, à luz do Evangelho somos chamados a *pensar a comunicação*. O que estou fazendo ao utilizar os meios de comunicação? Qual é a minha condição



em relação aos meios de comunicação?

A exigência do Evangelho na era digital, da sociedade da comunicação não muda. Jesus continua, hoje, a ser a força transformadora de Deus neste mundo. Enquanto seguidor de Jesus, o cristão é chamado a *transformar o mundo* hoje!

O ser humano de nosso tempo se vê enredado nas teias dos meios de comunicação, desde simples aplicativos, complexos satélites, até novas formas de produzir dados (inteligência artificial). Na era da sociedade da informação, a cada pessoa foi como que imposto um dever de estar conectada, produzindo informações. Dá-se uma nova colonização da alma, um novo tipo de trabalho escravo “consentido”, em que o tempo de nossa existência é a base do novo capitalismo.

As revoluções técnicas dos últimos séculos e a imersão atual da humanidade na era digital descentralizaram o humano, descharacterizaram a pessoa, desconfiguraram a condição humana. Fizeram dos homens, por natureza relacionais e dialogantes, seres consumidores de informação e solitários. As tecnologias digitais encerraram-nos como consumidores de imagens e sons. Deram-nos um aparente direito de fala, contudo nossa condição é de uma grande miséria cultural e pobreza de espírito. Em sociedade, os meios de comunicação têm sido utilizados para produção da divisão, do ódio e da mentira.

Jesus, a comunicação do Pai, vem para nos *libertar* dessas novas opressões. A Igreja se vê desafiada nesses tempos a anunciar com mais radicalidade evangélica *o valor da pessoa humana e a buscar criticamente produzir uma comunicação que nos indique o caminho para Deus* e para a comunhão com os irmãos e irmãs.

Sonho uma comunicação eclesial que saiba deixar-se guiar pelo Espírito Santo, gentil e ao mesmo tempo profética, capaz de encontrar novas formas e modalidades para o anúncio maravilhoso que é chamada a proclamar no terceiro milênio. Uma comunicação que coloque no



centro a relação com Deus e com o próximo, especialmente o mais necessitado, e esteja mais preocupada em acender o fogo da fé do que em preservar as cinzas duma identidade autorreferencial. Uma comunicação, cujas bases sejam a humildade no escutar e o desassombro no falar e que nunca separe a verdade do amor (*Mensagem para o 57º Dia Mundial das Comunicações Sociais*).

5.4. Ações Pastorais para os próximos 6 anos

I. Constituição de um eixo de trabalho pastoral a partir da comunicação que contemple: uma equipe de coordenação e articulação, uma equipe de reflexão e formação e equipe de profissionais e técnicos para produção e publicação de conteúdos comunicacionais.

II. Promoção de formação espiritual, bíblica, teológica, comunicacional e técnica para os agentes da Pastoral da Comunicação (PASCOM) e outros interessados.

IV. Produção de conteúdo, nas mais diversas linguagens contemporâneas, para o anúncio do Evangelho.

V. Organização de seminários, fóruns de debate sobre a condição do homem na era midiática.

VI. Articulação do Setor de Comunicação da Cúria Diocesana com as PASCOMs paroquiais, Assessoria de Imprensa (comunicação interna) e os meios católicos de comunicação.

VII. Produção e envio de boletins informativos periódicos para a Imprensa local e regional.

VIII. Articulação com setores da sociedade civil que possuem meios de comunicação.

IX. Articulação com setor de comunicação do poder público em diversas esferas.

Considerações Finais

Amado Povo de Deus, uma Carta Pastoral como esta que acabamos de apresentar só terá verdadeira relevância em nossa vida eclesial se ela for mais do que um mero livro. Somos uma Igreja viva, repleta de dons e cultivada com muito ardor e empenho pela ação do Espírito através do esforço e dedicação de homens e mulheres, leigos e leigas, religiosos(as), consagrados(as), diáconos, presbíteros e outros bispos que vieram antes de nós. Como pastor deste rebanho que me foi confiado, desejo que os frutos desta Carta Pastoral sejam testemunhados com o tempo em iniciativas fecundas de evangelização e de anúncio alegre do Reino de Deus em nossa Diocese.

Tenho repetido, inúmeras vezes, que precisamos iniciar processos. São eles que ficarão demarcados em nosso coração como momentos do “hoje” eterno do Senhor em nossa história. Respondendo ao convite do Papa Francisco por uma Igreja em saída e discernindo as moções do Espírito para nossa Igreja Particular de Jundiáí, convido a todos a se empenharem no conhecimento, na difusão e na implementação das propostas desta Carta. Isso deverá ser feito numa perspectiva de escuta, diálogo e comunhão, próprios do espírito sinodal ao qual somos chamados. Para tanto, peço a delicadeza e a humildade de aprendermos juntos, como uma grande família, formada aos



moldes da Trindade, a crescermos na nossa vida relacional, de encontro, confiança e partilha. Cada um com seu dom, cada um com sua função específica na vida eclesial, cada um com seu modo peculiar de ser cristão e viver sua fé será convidado a compor esse lindo mosaico que é a Igreja Católica em Jundiáí. Na direção da comunhão, fujamos da tentação da uniformidade e descubramos na diversidade dos carismas a riqueza da catolicidade da nossa Igreja.

Creio e espero que, ao término do tempo previsto para o desenvolvimento das ações propostas por esta Carta, possamos ser conduzidos aos objetivos a seguir: que a Sinodalidade faça crescer em nós a *Koinonia*, ou seja, fortaleça a *Comunhão* e o sentido fraterno da vida eclesial. Que a Formação seja traduzida em uma vida de *Martyria*, ou seja, num *Testemunho* concreto de seguimento e fidelidade a Jesus de Nazaré, nosso Mestre. Por fim, desejo que a Comunicação desenvolva em nós a *Diaconia*, ou seja, o espírito de *Serviço*, de humildade, sem o qual nenhuma palavra humana pode chegar plenamente ao ouvido e ao coração do outro.

Temos um longo caminho a percorrer. Sigamos os passos daquele que um dia nos chamou, cada um na sua condição, a segui-lo, apaixonadamente, na construção do Reino. Sirvamos a Ele com alegria!

Que a alegria do Senhor seja a nossa força! (cf. *Ne* 8,10).

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo. *De Trinitate*. São Paulo: Paulus, 1995.
- BENTO XVI, Papa, *Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day.html
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Brasília: Edições CNBB, 2024.
- CESAREIA, Basílio de. *Tratado sobre o Espírito Santo*. São Paulo: Paulus, 1999.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. 3ª edição revista e atualizada. Brasília: Edições CNBB, 2024.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Disponível em https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. Brasília: Ed. CNBB, 2023.
- DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. *Rumo à Presença Plena*. Disponível em https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html
- FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html



FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o 57º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20230124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o 58º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20240124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>

JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica *Redemptoris Missio*. Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html

JOÃO PAULO II, Papa. Carta Apostólica *O Rápido Desenvolvimento*. Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2005/documents/hf_jp-ii_apl_20050124_il-rapido-sviluppo.html

MEDEIROS, João Inácio de. *Concílios: breve história dos Concílios e Sínodos da Igreja*. Aparecida: Ed. Santuário, 2023.

PAULO VI, Papa. Decreto *Inter Mirifica*. Disponível em https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html

PAULO VI, Papa. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Disponível em https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html

PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Disponível em https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, Instrução Pastoral *Communio et Progressio*. Disponível em https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html



Amado Povo de Deus da Diocese de Jundiá, é com alegria que anunciamos a Boa Notícia da presença do Reino de Deus entre nós. Na alegria caminhamos juntos, imbuídos do mesmo propósito de a todos amar e servir. Na alegria seguimos os passos de Jesus como seus discípulos-missionários. A santidade, o mais belo rosto da Igreja, consiste na vivência das bem-aventuranças que nos une a Cristo e à sua Páscoa. Aí está a nossa felicidade! “Alegrai-vos sempre no Senhor!” (Fl 4,4)

Dom Arnaldo Carneiro Neto
Bispo da Diocese de Jundiá

